A CASA N. 67 DO LARGO DO RÓCIO

João Brígido

Se fôramos Wolney, contemplando as ruínas desta cidade, que vai rediviver amanhã, como a Fênix, que renasce das próprias cinzas, evocaríamos o grande Árbitro para resolver que o futuro presidente da República fosse o dr. Passos.

Em algumas semanas êle a teria demolido até os fundamentos, levantando sôbre os seus escombros uma nação de 21 andares, airosa granítica, aprumada, para afrontar os vendavais da política e as formigas do estrangeiro, que solapam o nosso futuro; espécie de Panteon com ascensores cor de rosa, presidentes de cem quilos com ministros bem lixados sem nenhum verniz, o parlamento sem capachos.

Passos, de picareta erguida, há de ser, na posteridade, a imagem de Saturno, destruindo para renovar, consumindo para produzir. Há de ter uma estátua, e, nos séculos nenhum peregrino perguntará de quem ela seja, que ele tanto se eternizará em efígie como em reputação.

Mas, tudo que entusiasma segue o seu curso, também, semeando pesares.

Foi Passos quem fez desaparecer, por inteiro, a pequena casa, de um só andar, no. 67 do antigo largo do Rócio, contígua à secretário, aquem do Instituto. Vai ficar desfigurado o espaço, que ninguém adivinhara, quem viveu ali, e que coisa ali se fizeram, e como aquele local foi longo tempo laboratório de conspiração, intrigas e manejos da política iniciais do Brasil.

A pequena casa era habitação do senador padre José Martiniano de Alencar, que colaborou na resistência do golpe de Estado de novembro de 1823; foi no 7 de abril, com José Custódio e outros patriotas quem mais

empurrou o trono até desviar-se; quem em 1842 deu alma e vida aos... Invisíveis; quem levou a vida inteira maquinando coisas que atordoaram as gerações.

Esteve nas cadeias da Bahia em 1817, foi à Constituinte de Lisboa, influi nas tosturas do Rio de Janeiro; presidiu os carvalhistas em Olinda e apôs o selo das suas manhas no movimento armado do Ceará, em 1842, o qual produziu tantos combates e, no fim patíbulo, em meio de uma caçada de homens para os arongus da Cisplatina, e em meio de uma peste que matava por milheiros na terra desolada do Ceará, que a fome enchia de esqueletos perabulantos de mão estendida, olhos vertendo lágrimas.

Alencar, escapo em Quixaba, do pinhal de sicários, que já o tinham por morto, completou uma das mais penosas viagens, surgindo no Rio, depois de atravessar os ásperos sertões do Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas, até Mariana, dali, até Praia-Grande!

Repousar? Não.

Voltou ao Ceará, respondeu pelos seus crimes políticos, perante o tribunal de sangue de Conrado; e, absolvido, regressou, para ser aqui parte na queda do primeiro Imperador e estar ao lado de Feijó, outro padre que tinha de ferro as duas mãos, em quanto ele tinha somente a esquerda, que a dextra era de seda. Consorciado com Feijó na idéia de supressão do celibato clerical, fazia, de Aman da corte regencial, e sentavam-se na cadeira do marquês de Aracati, que ele empurrara, fazendo perpetuar-se em Lisboa, para onde tinha seguido Pedro I.

E ateava o fogo no Ceará, impelindo Pinto Madeira, seu poderoso inimigo, a lançar mãos das armas até subir ao cadafalso depois de muitos e sangrentos embates.

Recebendo do seu irmão espiritual a investidura de Presidente daquela província, Alencar partiu para ali, ouvindo do regente tonsurado esta despedida funesta: "Snr. Alencar, se apanhar Pinto Madeira, mande fuzilar".

Foi fuzilado.

Ninguém fez mais, ou fez tanto nas convulsões por que passou o país

desde 1817, durante os primeiros quarenta anos da nossa existência política.

Alencar foi o conspirador mais notável do Brasil, mas ao ministro Sapucahy, que ousou dizê-lo no Senado, em 1842, puniu imediatamente com uma bofetada no próprio salão.

Lynce, vendo através das montanhas, águia enxergando da maior altura, Alencar era também materialmente um bravo homem e provou no combate de 1840 em Sobral, mas ninguém carecia tanto de coragem cívica, como exprime a sua carta, dirigida de Mariana, ao Imperador, em 1825.

Foi na casa que o dr. Passos seduziu agora a **ubi Troya**, que consertaram o **23 de julho** e a fuga audaciosa de Pedro Ivo em 1849, — disse Macedo, o da **Moreninha**, ao autor destas linhas.

Sim: passaram-se grandes mistérios entre aquelas quatro paredes, que cederam à picareta da civilização e do bom gosto, metida nas mãos do dr. Passos, cuja boa fortuna o fez agente glorioso do velho Saturno; mas convirá deixar delas um padrão para memória dos vindouros; seja um Pater grafado em rocha, um **Requiem** burilado em bronze.

Muitos homens se deleitam de olhar para trás. Por trás nos fita a história e esta carece dos monumentos.

Se tivéramos a imensa glória de ser o dr. Passos, passaríamos por sobre o passado.

Na casa de José Bonifácio, de Rocha, de Evaristo, de Ledo, de Feijó e de tantos outros vultos de Independência, iríamos deixando um sinal, e os arquivos públicos havíamos de pejar de plantas, planos e desenhos das suas e casas que se esboroam, a fim de que, se, um dia tivermos Victor Hugo, possa ele reproduzir a **Notre Dame**, dizendo quantas janelas tinha cada casa, quando nos deixou Pedro II, de perpétua e casta memória.

"Os Annaes", Rio, 26.10.1905, ano II, no. 54, pgs. 669-670.

Sobre o Sen. Alencar político: "Memória sobre a Maioridade", Cns. Tristão Alencar Araripe, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; "Súplica", na H. do Ceará, de Thérberge; "A Outra Súplica", Manoel Albano Amora, na Rev. do Inst. do Ceará. "Faze bem não cates a quem", B. de Studart, Rev. do Inst. do Ceará, 1887, p. 87.